O LOBBY DA INFORMÁTICA

ISTOÉ

5 DE SETEMBRO DE 1984 Nº 402 Cr$ 2.700

MANAUS, SANTARÉM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA, MACAPÁ, PORTO VELHO, JI-PARANÁ, VILHENA, SINOP, ALTA FLORESTA Cr$ 3.500

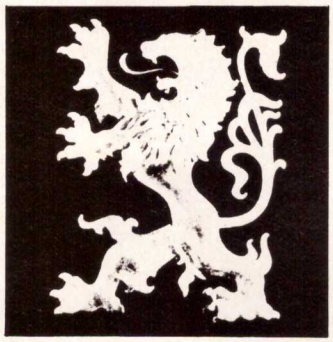
A VIDA SECRETA DA TFP

PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA, 75 ANOS, FUNDADOR E PROFETA DA ORGANIZAÇÃO

CAPA

A vida secreta da TFP

Quase ausente das ruas, onde combatia o comunismo com devoção fanática, a TFP volta-se para dentro, num movimento que inclui o flagelo de seus membros e a adoração de pessoas. **18**



A batalha pela informática

O Congresso se agita em torno da lei de reserva de mercado à indústria nacional de computadores, proposta pela Secretaria Especial de Informática e seu secretário, coronel Édison Dytz (foto). **56**

A plenitude de Nélida Piñon

Nas 761 páginas do caudaloso romance *A República dos Sonhos*, seu décimo livro de ficção, a escritora carioca Nélida Piñon atinge a plena maturidade literária. **44**

Fafá no coro das oposições

A "cantora das diretas" diz que é preciso ir ao Colégio Eleitoral. **78**

Motoqueiros em maus caminhos

O prazer de andar de moto comendo pó e lama: é o enduro. **40**

EM CARTAZ 3
MILLÔR 12
A SEMANA DO CASTELLO 15
BRASIL 18
OPINIÕES 30
CIDADES 32
CIÊNCIA E SAÚDE 34
RELIGIÃO 38
AVENTURA 39
COMPORTAMENTO 40
CULTURA 44
ECONOMIA 56
MUNDO 64
LIVROS 74
ENTREVISTA 78
HENFIL 82

Parada histórica

Há uma importante e saudável novidade a registrar no comportamento brasileiro desde que a parada da sucessão presidencial ficou definida, no início do mês passado: as pessoas começaram a pensar e a tomar posição diante de alguns assuntos que, por certo, estarão no topo da lista de prioridades quando se for discutir o futuro de nosso país. É interessante notar como a questão da dívida externa lidera a ordem de preocupações da opinião pública no campo econômico, como revelou a consulta feita pelo IBOPE e publicada em ISTOÉ nº 401. A escolha é comum a todas as camadas sociais e a todas as idades, num testemunho claro de que a nossa sociedade já não admite omitir-se diante do problema que, até meados do ano passado, era o fantasma nacional número um. Mais ainda: ao falar na dívida externa, o povo tem na cabeça as relações econômicas e até políticas de nosso país com o chamado Primeiro Mundo. Eis um problema que, sabemos todos, terá de ser equacionado maduramente na segunda metade desta década de 80.

Outro desses grandes temas que só poderão ser resolvidos através de um grande debate nacional é o da indústria de computadores. E o Brasil dá mostras de que já não quer – e não pode – adiar uma definição nesse campo. Afinal, é por intermédio do processamento de dados que nossos patrícios do século XXI irão dizer ao mundo de que maneira o Brasil estará integrado ao progresso. O assunto chegou agora ao exame dos parlamentares e já é possível vislumbrar como as opiniões estão bem-definidas, e até exaltadas em certos casos. É claro que uma lei, qualquer que seja o seu conteúdo, não vai resolver os problemas de nossa indústria de computação. Mas a discussão destes dias mostra que todos estão conscientes da permanência do tema.

Vinte anos atrás, os brasileiros discutiam se era ou não viável produzir automóveis aqui no trópico. Hoje fazemos carros, do aço ao combustível – assim como já fazemos computadores e todos os equipamentos correlatos. No futuro os faremos melhores, desde que aprendamos, agora, a discutir, serena e lucidamente, qual a melhor alternativa tecnológica para levar a bom termo esse projeto.

Embutida nesses temas está a grande discussão que mobiliza os brasileiros já no meio da campanha sucessória: como iremos construir a nossa próxima arrancada econômica e o que pretenderemos fazer com os resultados materiais que, sem dúvida, irão sendo obtidos na medida em que a crise for superada. Duas gerações atrás, nos anos 30, houve um momento como este. Considerava-se na época se o Brasil deveria ter uma indústria. A resposta foi, afinal, positiva. E andamos meio século sem termos grandes dúvidas sobre o acerto dessa orientação. Não existe, agora, nenhum motivo para que não acertemos outra vez.

Os Editores

CAPA: GILBERTO MIADAIRA
FOTO: EDUARDO SIMÕES

MARCOS ROSA

Simbologia medieval do êremo Presto Sum: estandarte, lanças e passo de ganso no treinamento

BRASIL

A vida real da TFP

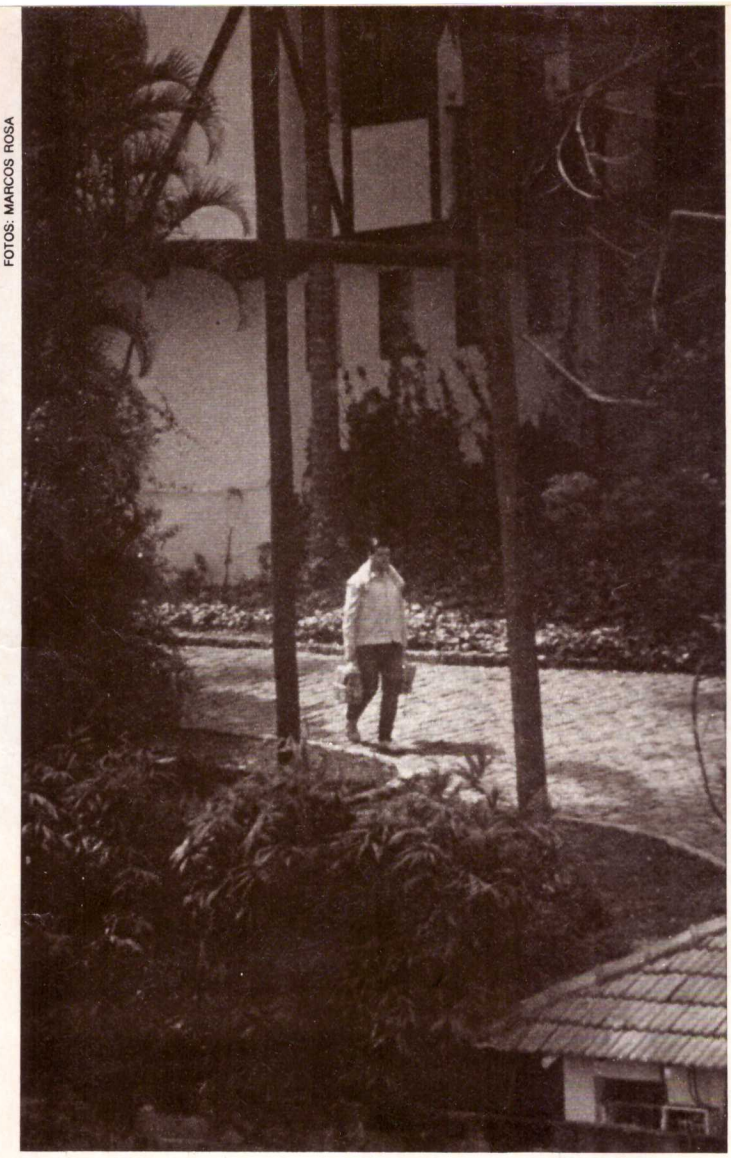
A barulhenta organização anticomunista espera o fim do mundo adorando seu chefe Plínio

Meio-dia de quinta-feira, 30. O pátio de uma bela vivenda isolada no Jardim São Bento, bairro da Zona Norte de São Paulo, ganha subitamente as cores de uma parada. Jovens com estandartes vermelhos e botas de cano longo marcham em passo de ganso, evoluindo entre duas construções, que fecham o espaço de uma capela e de um pequeno tanque. O ambiente é o de um mosteiro. De fato, ali se acorda às 5 da manhã para um ritual que inclui banho frio, café, orações, meditação e leituras das obras do advogado Plínio Corrêa de Oliveira, 75 anos, fundador e comandante supremo da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, a TFP. A vasta propriedade de 5 mil metros quadrados, conhecida na organização por Presto Sum, é um dos nove êremos que a TFP mantém em São Paulo. A vida desses eremitas leigos, soldados que treinam sem cessar para a "bagarre", guerra entre anjos e demônios que, ensina Plínio, irá marcar o fim do mundo, é feita sobretudo de marchas e de humilhações. Quando os estandartes se recolhem, o pátio do Presto Sum fica livre para um solitário eremita, que irá passear durante horas portando dois pesados fardos de tijolos.

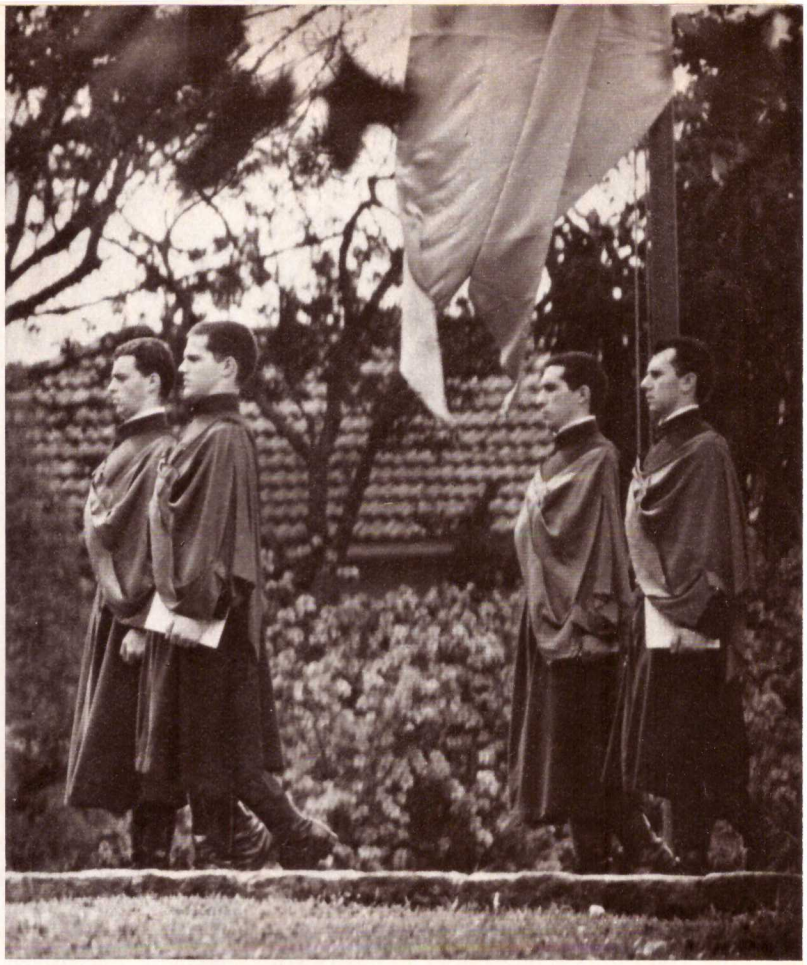
Plínio (em 1973): venerado

Muito além do grupo que se notabilizou durante os anos 60 e 70 por sua vociferante campanha pública contra o comunismo e a dissolução dos costumes, a TFP evoluiu nos últimos tempos para a fronteira da fantasia religiosa. Enquanto a esquerda vivia livre, Plínio e seus adeptos tinham o inimigo lógico

FOTOS: MARCOS ROSA



O militante carrega pedras para pagar pecados



A meditação é um dever diário dos militantes

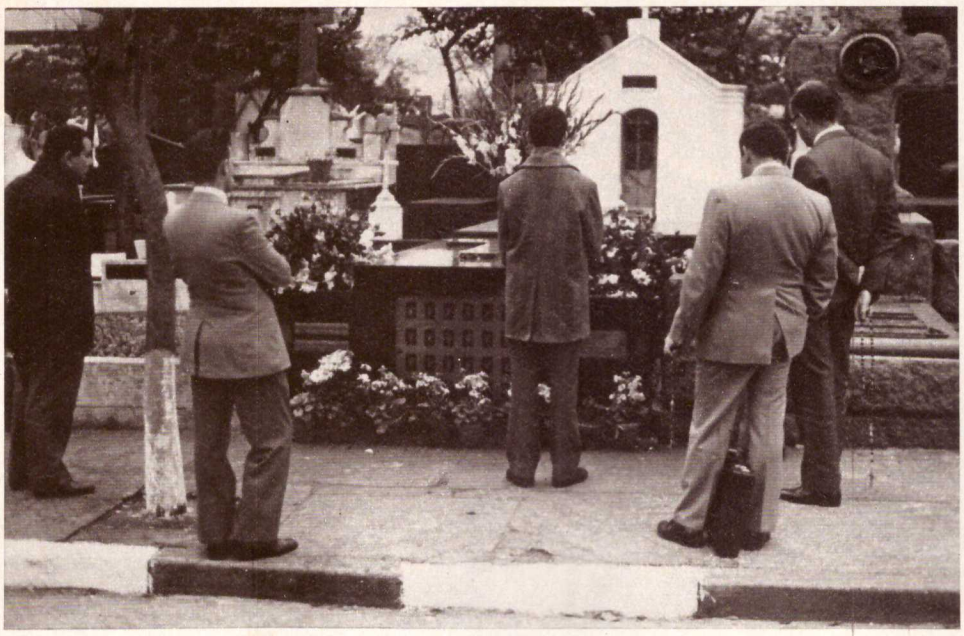
que lhes permitia operar neste mundo. Depois da fase de repressão, reduzidos a menos de um quarto do exército de 5 mil pessoas que ocupavam os centros urbanos na década passada para solicitar assinaturas numa petição contra o divórcio, restou-lhes o caminho do além. E então as dificuldades não cessaram de aumentar. Outrora monolítica, a TFP padece agora de irrecuperáveis dissensões. Segundo Orlando Fedeli, um modesto professor secundário de 51 anos, solteiro, que durante três décadas foi fiel servidor e seguidor de Plínio, chegou a hora de lançar alguma luz sobre os mais extravagantes segredos da TFP.

Enquanto espera a "bagarre" – em francês desordem, tumulto, confusão –, quando será travada a grande batalha entre o Bem e o Mal, como foi anunciado aos três pastores de Fátima, em 1917, a organização teoriza a respeito da chegada do reino de Maria – ou, segundo denunciam os dissidentes, alguma coisa parecida com o reino de Plínio e sua mãe, dona Lucília. Essa mudança é decepcionante para quem, como Fedeli, imagina que o Mal habita em Moscou: "Entre a cruzada anticomunista e o culto que organizou para si e sua mãe, o dr. Plínio preferiu o seu culto. Preferiu dividir os anticomunistas a renunciar ao que chama de homenagens". Com seu próprio grupo – desde o final do ano passado se reúnem regularmente cerca de trinta dissidentes na sala da casa do bairro do Cambuci, onde vive com a mãe –, Fedeli opera devidamente apetrechado com cadeiras de espaldar alto e brasões medievais, ao melhor estilo tefepista.

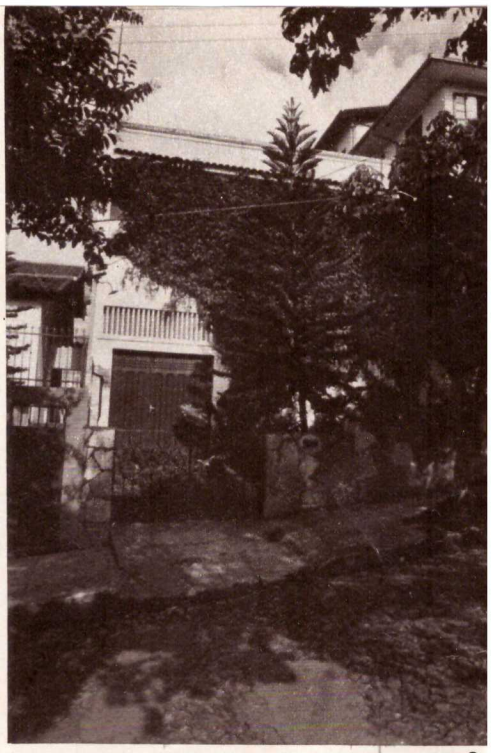
Católico tradicionalista, profundamente conservador e sobretudo anticomunista, sempre de terno cinza e gravata sóbria, Fedeli faz questão de esclarecer que rompeu com Plínio, mas não com a sua doutrina. "A TFP está degenerada, mas os princípios continuam corretos", garante. Mas nem ele nem seus seguidores conseguem dar uma idéia muito precisa dos desvios que os atormentam. O que sobretudo parece escandalizar os dissidentes é a progressiva transformação de Plínio e sua mãe, dona Lucília Ribeiro, falecida em 1968, em objeto de fervoroso culto religioso. Como todos os demais militantes, Fedeli não tem conhecimento de tudo que se passa dentro da TFP, uma organização montada à base de círculos concêntricos, verdadeiras ordens ou grupos superpostos e que não se comunicam entre si. "Na TFP", ensina Luís Carlos Garrocho, 30 anos, o primeiro jovem a romper com a organização e expor publicamente algumas de suas práticas, "privilégio é santidade e isto favoreceu o surgimento de uma gradação a ser seguida pelo militante, ou seja, purificar-se para penetrar em grupos cada vez mais seletivos e fechados".

Na hierarquia da organização diz-se que Fedeli fracassou na passagem de um círculo a outro e, ressentido, rompeu com Plínio. No entanto, a ruptura desse discípulo que ingressou na TFP em 1953 parece estar mais na linha de um feroz combate teológico, que exterminou alguns dos adeptos mais conhecidos, como dom Geraldo Proença Sigaud, antigo bispo de Diamantina, que rompeu em 1970, quando a TFP recusou as inovações litúrgicas adotadas no Concílio Vaticano II; e mais recentemente dom Antônio de Castro Mayer, que no ano passado admitiu, por escrito, que uma ladainha composta para dona Lucília e recitada pelos militantes nos êremos tinha uma incontestável estrutura herética. Depois de meio século de atividades leigas nos círculos mais conservadores da Igreja, Plínio foi

MARCOS ROSA



Flores e orações permanentes no túmulo de dona Lucília



A misteriosa "Casa da Marquesa"

AUREMAR DE CASTRO

afastado e congelado, na medida em que vestia sua cruzada anticomunista com temas cada vez mais desconcertantes, como o restabelecimento da monarquia, o banimento dos aviões, dos automóveis, da luz elétrica e da medicina alopática.

Sendo assim, é difícil entender como uma tão desconexa mistura de reacionarismo político, intransigência religiosa e obscurantismo pudesse frutificar a ponto de permitir à TFP estender seus braços pelo mundo – ou, pelo menos, à parte cristã e ocidental da Europa, aos Estados Unidos e à maioria dos países da América Latina. Nos Estados Unidos, protegida pela fachada da Foundation of Christian Civilization, a TFP recrutou pelo menos dois contribuintes de peso – os fazendeiros texanos John Taton e Daniel Brahman, principais responsáveis pelo grande feito internacional da entidade: a publicação, em 8 de dezembro de 1981, de um extenso artigo de Plínio Corrêa de Oliveira de pesadas críticas ao governo socialista francês de François Mitterrand, que ocupou seis páginas do *Washington Post*, custou algo em torno de 50 mil dólares e foi repetido, nos dias seguintes, no diário alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e no *Le Figaro* parisiense.

No Salt Creek Ranch, onde vive na fronteira com o México, próximo à cidadezinha de Refugio, Taton mantém absoluta reserva sobre suas atividades empresariais e as do companheiro Brahman. Admite conhecer Plínio Corrêa de Oliveira, mas nega enfaticamente ter alguma vez contribuído para enriquecer os cofres da TFP. "A sociedade para a qual contribuímos", disse na quinta-

The Double Game of French Socialism: Gradual in Strategy, Radical in Goal

What Does Self-Managing Socialism Mean for Communism: A Barrier? Or a Bridgehead?

Plinio Corrêa de Oliveira

In France:

In The West:

I. The center and the right in the face of French Socialism: optimistic illusion, scope of the defeat, and the crossroads

A Message from the Societies for the Defense of Tradition, Family and Property – TFP

Tiros contra Mitterrand no Post

feira passada, "é a Foundation of Christian Civilization. Se essa fundação dá algum auxílio financeiro à TFP, nós não sabemos. O melhor é perguntar ao seu próprio presidente, John Stann".

A FCC, que pagou os anúncios contra Mitterrand, segundo anotações da contabilidade do *Washington Post*, tem sede em Bedford, um subúrbio de Nova York. Lá um assistente da diretoria, que não se identifica, informa apenas que Stann já há três anos não é o presidente da entidade. Foi substituído por Philip Moran, que no momento viaja por lugares desconhecidos. Fedeli, no entanto, garante que a TFP americana, qualquer que seja o seu verdadeiro nome, é dirigida por Plínio através de Luiz Antônio Fragelli, da mesma forma que a francesa é dirigida através de Caio Vidigal Xavier da Silveira, um representante da Construtora Adolpho Lindenberg que já foi chamado pela Justiça francesa a prestar contas de cheques sem fundos, e a espanhola através de Pedro Paulo Figueiredo.

Além do dinheiro arrecadado junto a poucos doadores generosos, a serventia dos ramos internacionais da entidade parece não ir além do dever de fornecer ao chefe mundial bens de forma geral inacessíveis aos brasileiros comuns – como a água mineral Perrier, o caviar iraniano (o russo, embora gastronomicamente mais afamado, está contaminado politicamente) e a farinha argentina, esta eqüitativamente distribuída entre a Churrascaria e Pizzaria O Braseiro, uma modesta cantina do bairro do Brás, na Zona Leste de São Paulo, e o sóbrio, elegante e reputado restaurante do Hotel Ca d'Oro, na rua Augusta. Quinzenalmente, acompanhado de um número variável de seguranças e devotos, Plínio empreende suas incursões noturnas gastronômicas, sempre precedidas de um ritual imutável: duas horas antes do seu jantar, um militante da TFP entrega ao restaurante escolhido 2 quilos da farinha argentina com que serão preparadas as *pizzas*, no Braseiro, ou *fetuccini* ou ravióli, no Ca d'Oro.

"É um gosto do freguês e nós atendemos", explica João Martins, 35 anos, um dos proprietários do Braseiro, que exibe, com orgulho, o livro de ouro que ostenta dois preciosos elogios

do chefe da TFP às excelências da cozinha de sua casa, que não figura em nenhum roteiro gastronômico de São Paulo, mesmo os mais bizarros. José Maria dos Santos, o *pizzaiolo* Zezinho, não vê diferença na farinha brasileira com que trabalha normalmente, mas não reclama - afinal, cada jantar do chefe da TFP lhe rende uma gorjeta de 5 mil cruzeiros, exatamente o preço da *pizza* que prepara. E Martins também não, pois as duas assinaturas no amarrotado livro de ouro fizeram de sua casa um ponto de encontro dos militantes da TFP, que hoje respondem por 40% do movimento do restaurante.

No Ca d'Oro, o *maître* Ático Alves de Souza, baiano de 57 anos, oferece outras comodidades ao freguês especial, que há mais de trinta anos comparece todos os domingos para o jantar. Ele tem o privilégio de jantar sozinho, depois que todos os outros fregueses já foram embora, e o ar condicionado pode ser desligado. Ático, que reconhece em Plínio "um paladar apuradíssimo", detectou uma mudança nas preferências do chefe da TFP - há dez anos, pelo menos, trocou a pescada com molho de camarão por um prato de massa preparado com farinha argentina, e o vinho italiano pela água Caxambu. Fazendo questão de manter a distância majestática (ou seria divina?) que o separa dos mortais comuns, o chefe come sozinho - sempre na mesa 14 da pizzaria ou na 21 do restaurante - enquanto os acompanhantes se juntam discretamente nas outras. Talvez este seja, afinal, o mais eloqüente retrato que se possa traçar hoje da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade - uma entidade distanciada do mundo e de suas realidades, que se movimenta em torno da figura, das lembranças e dos modismos de seu chefe e só dá sinais de vida pela capacidade de movimentar respeitáveis quantidades de dinheiro, na forma de contribuições a receber, gorjetas a distribuir ou contas a pagar.

MARCOS ROSA

Fedeli, ao lado do busto de Plínio: divisão dos anticomunistas

Esse mundo não é sequer imaginado pelos "enjolras", os jovens militantes com menos de 30 anos, que sofrem um longo, duro aprendizado de obediência e ascetismo. O treinamento atual na TFP foi concebido há cerca de dez anos, quando Plínio lançou o grande desafio "Vamos para 10 mil" - o que, na época, sugeria a meta de dobrar o número de adeptos por uma campanha de recrutamento mais agressiva. No *Jour le Jour*, palestra dominical em que o mestre dita suas experiências e forja pensamentos adequados ao dia-a-dia dos fiéis, há sempre um trecho dedicado à técnica de propaganda. Um antigo fiel, que anotou a mensagem de 30 de dezembro de 1982, recorda como se deveria fazer para identificar um jovem com "Tau", ou seja, a predisposição para aprender os ensinamentos de Plínio. "A abordagem tem resultado com aqueles rapazes de família pouco organizada ou desorganizada. As famílias de contextura muito firme evitam o isolamento de seus membros. Ele dentro de casa não fica isolado. Ele não nos acompanha."

O jovem disposto a renegar a família para aprender o ensinamento do Profeta da Contra-Revolução passa uma temporada em São Paulo, numa residência tipo pensionato, discretamente instalada na Vila Mariana. A TFP só opera atualmente com algum vigor em São Paulo e

O grupo do poder na TFP

A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade é dirigida por um conselho nacional presidido por Plínio Corrêa de Oliveira. Oficialmente, são treze membros, mas na verdade há apenas doze conselheiros: o décimo terceiro, o vice-presidente Fernando Furquim de Almeida, morreu há dois anos e seu nome é mantido como uma espécie de homenagem. Mas o poder real na TFP é exercido pelo Grupo, o círculo de amigos mais próximos de Plínio Corrêa de Oliveira, do qual estão excluídos os conselheiros João Sampaio Netto, os advogados José Fernando Camargo, com quase 60 anos, e José Gonzaga de Arruda, que já não vai às reuniões por estar muito velho, e o construtor Adolpho Lindenberg, apesar de ser primo do presidente.

Dos demais, José Carlos Castilho de Andrade, um advogado da Eletropaulo de 58 anos, acompanha Plínio desde a década de 40. Eduardo de Barros Brotero, advogado e empresário de 53 anos, Caio Vidigal Xavier da Silveira, diretor da Construtora Adolpho Lindenberg e fazendeiro em Mato Grosso, 53 anos, e Paulo Corrêa de Brito Filho, 53 anos, ex-professor na escola de jornalismo Cásper Líbero e assessor de imprensa da TFP, são eremitas do êremo do Vínculo Profético, um êremo especial, que funciona no prédio em que mora Plínio Corrêa de Oliveira.

Luiz Nazareno de Assumpção Filho foi, provavelmente, o mais rico discípulo de Plínio. Hoje, porém, está reduzido à condição de simples "camaldulense" - monge recluso - do êremo Jaznagora, no bairro de Itaquera, na distante periferia Leste de São Paulo. O último membro do conselho nacional da TFP é Paulo de Barros de Ulhôa Cintra, certamente o mais antigo amigo de Plínio. Seu principal assessor, entretanto, não pertence ao conselho nacional. É João Scognamiglio Clá Dias, uma espécie de "quidam", isto é, chefe, de todos os êremos.

no Paraná. Os "enjolras" considerados promissores serão "adestrados" sempre na capital paulista, onde está a sede da organização. Além do enclausuramento num dos nove êremos paulistanos, o rito de iniciação os leva também à fazenda Morro Alto, em Amparo, a 150 quilômetros de São Paulo, onde aprendem a obedecer ao "quidam", palavra latina que significa "um qualquer", mas que na vida real da TFP serve para designar o comandante supremo de cada um dos êremos. Segundo antigos eremitas, Morro Alto teve no final da década passada um "quidam" inesquecível, Fernando Telles, que certa vez depositou dois "enjolras", Valmir de Oliveira e Maurício Vistock, durante doze horas no chiqueiro de porcos, a gritar "eu sou um porco, eu sou um imbecil". Os dissidentes recordam que, mesmo durante seus estágios de devoção em Amparo, chamavam o lugar de "Telles brinca", trocadilho com o campo de concentração nazista de Treblinka, na Polônia. Outro "quidam" particularmente duro, Wellington da Silva Dias, está despojado e foi reduzido à condição de simples eremita, recolhido ao êremo Presto Sum, onde vive enclausurado, segundo uma comunicação aos fiéis, no *Jour le Jour* de 12 de fevereiro de 1983.

AUREMAR DE CASTRO

Garrocho: purificação para subir

Nessas condições, não é de espantar que uma cota de "eremitas" acabe "indo para a Marquesa". No intrincado jargão da TFP, "ir para a Marquesa" é ser transferido para uma discreta residência forçada que a organização mantém na rua Marquesa de Alorna, 172, em Belo Horizonte. Normalmente, a Marquesa abriga entre dez e quinze "eremitas" em tratamento psiquiátrico – mas, segundo dissidentes paulistas, há pelo menos quatro pensionistas que moram lá sem esperanças de recuperação.

Aprovado no "adestramento", o "enjolra" que efetivamente tiver "Tau" pode-se transformar num "eremita". A travessia, no entanto, demora anos e requer uma série de votos, como se o candidato pretendesse ingressar numa ordem religiosa regular. Um dos votos pode ser o da castidade, que para a TFP significa não apenas abstinência de relações sexuais como eliminação total de qualquer pensamento ligado ao tema. Ou então um voto de silêncio, pelo qual o devoto se compromete ao mutismo total. Uma opção menos rigorosa é o voto de seriedade, que veda sorrisos de qualquer tamanho e em qualquer circunstância. Cada um desses votos é renovável uma vez por ano e nenhum deles é obrigatório, com exceção do voto de obediência. "Trata-se simplesmente de um voto que exige obediência a tudo o que o dr. Plínio mandar fazer, pessoalmente ou através de terceiros, além de obedecer integralmente ao Ordo", conta o professor de matemática Norio Nakamura, 37 anos, dezessete de militância na TFP. Ordo é o livro de regras de um êremo. Nakamura foi até maio de 1983 o "eremita responsável" pelos dados estatísticos do êremo da Divina Providência, em São Paulo, por onde tramita a burocracia da TFP. Os eremitas eram considerados, assim, irmãos menores e seu Ordo era considerado leve – um livro com apenas cinqüenta páginas, onde se descrevem os deveres e as penalidades impostas aos faltosos.

MARCOS ROSA

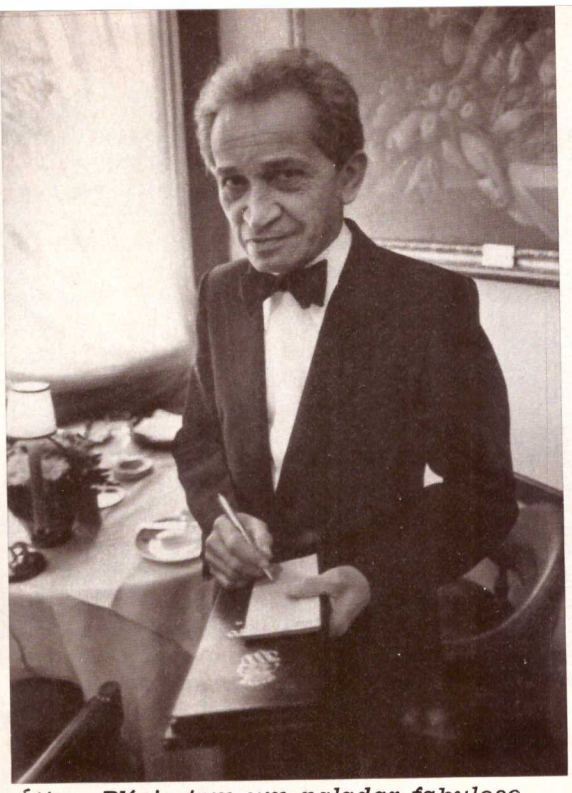
Nakamura: penitências para tomar um café

Mesmo assim, a vida no Divina Providência estava longe de ser amena. Nakamura morou lá até maio do ano passado e recorda que, para tomar um café no bar da esquina, devia pedir autorização ao "quidam", fornecendo o roteiro do passeio e o tempo exato da saída. Caso se atrasasse ou desviasse da rota por qualquer motivo, o "eremita" Nakamura tinha o direito de escolher uma de três penas: "ler durante quatro horas, entre meia-noite e 5 da manhã, obras do dr. Plínio, o que deixava apenas uma hora para dormir; ou então andar 10 quilômetros a pé; ou ainda passar 24 horas a pão e água".

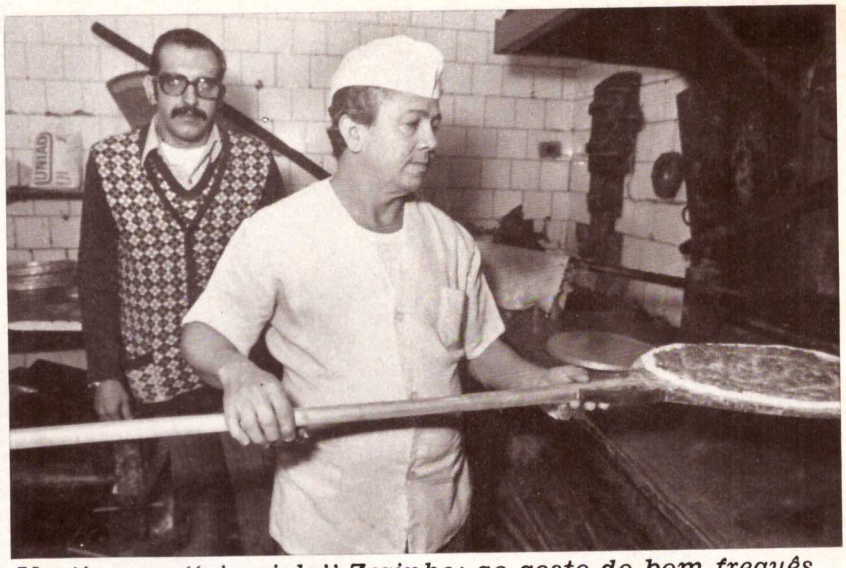
Esses castigos parecem, de fato, bem leves diante do que prescreve o Ordo do êremo Presto Sum, onde um faltoso pode ser obrigado a carregar pedras durante várias semanas, enquanto caminha pelo pátio do casarão, como fazia o jovem fotografado por ISTOÉ na quinta-feira passada. Outra pena comum é empurrar morro acima e carregar ladeira abaixo, incessantemente, uma pesada pedra escolhida pelo "quidam". Os "eremitas" que vivem definitivamente enclausurados, conhecidos por "camaldulenses", como o antigo "quidam" Silva Dias, têm um código especial de punições, que na descrição do principal discípulo de Plínio, João Scognamiglio Clá Dias, numa comunicação feita em nome do mestre no início de 1983, "foi inspirado na Ordem dos Templários", uma organização de cavaleiros medievais criada no tempo das Cruzadas.

Mas nem tudo são pedras ou votos de pobreza na vida dos militantes da organização – ou pelo menos na vida de alguns privilegiados, dos quais podem ser citados como exemplo os sessenta habitantes do êremo de São Bento, na

FOTOS: EDUARDO SIMÕES



Ático: Plínio tem um paladar fabuloso



Martins e o "pizzaiolo" Zezinho: ao gosto do bom freguês

rua Domingos de Sylos, no Jardim São Bento, também na Zona Norte de São Paulo. Os militantes o chamam O Êremo – e é, sem dúvida, o principal estabelecimento mantido pela TFP na capital paulista. O terreno antigamente abrigava um mosteiro e, ao alugá-lo à organização, o proprietário, Rui Guerra, concordou com a construção de um prédio para abrigar os eremitas. Trata-se de um casarão de três andares, com paredes muito grossas e janelas pequenas, para evitar a entrada de muita luz, como era regra nos castelos e mosteiros medievais.

Além dos brasões, armaduras, armas medievais que ornamentam todas as casas da TFP, o êremo de São Bento é luxuosamente decorado com tapetes persas, lustres de cristal, e as refeições são servidas em baixela de prata. Todo esse luxo tem destinatário: ali vive o poderoso João Scognamiglio Clá Dias, o principal assessor de Plínio, que também possui o seu quarto privativo. Em São Bento está também o mais importante local de adoração de dona Lucília, um trono onde deveria estar entronizada a imagem de Nossa Senhora. Mas, segundo relato de um dissidente que acompanha Fedeli, a imagem foi retirada e em seu lugar colocado o par de sapatos com que dona Lucília foi sepultada, em 1968.

Os dissidentes da TFP são unânimes em negar qualquer traço de treinamento militar nessa formação, que nos planos de Plínio é destinada a preparar combatentes para a guerra entre anjos e demônios. A originalidade da preparação espiritual que acompanha as marchas e exercícios de obediência é que tem provocado a maior parte das deserções. Nos últimos anos, o retrato de dona Lucília, a mãe de Plínio, passou ao lugar de honra no nicho da capela dos êremos, tomando o lugar de Nossa Senhora, que retorna ao altar quando aparecem visitantes. Foi o que ocorreu, por exemplo, em maio do ano passado, no casarão da Divina Providência, onde um espantado Nakamura viu a imagem de dona Lucília sumir na véspera da passagem do padre Giulio Tam, um seguidor do bispo dissidente francês Lefèbvre. "Quando o padre Tam foi embora, um grupo de eremitas começou a trocar novamente as imagens, recolocando o retrato de dona Lucília", conta Nakamura.

"Então decidi sair, deixando apenas um bilhete onde devolvia as chaves e explicava que não podia mais ficar num lugar onde Nossa Senhora podia ser substituída; comigo saíram mais 28 pessoas." Com o rompimento de Nakamura, que agora dá aulas num ginásio, a TFP perdeu o seu operador de computadores. Antigo estudante de engenharia, era ele quem fazia as contas da organização. Em maio do ano passado, segundo o agora dissidente, havia 10 mil contribuintes, que forneciam cerca de 30 milhões de cruzeiros mensais à TFP – em mensalidades reajustadas trimestralmente com base nas Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional. Em dinheiro de hoje, seriam 100 milhões por mês. "Mas eu só processava as doações menores; quando saí, o maior contribuinte dava 200 mil mensais", conta Nakamura. E muitos dos doadores são, como ele, "sabugos apóstatas", ou S.A., sigla pela qual os militantes chamam os antigos companheiros que abandonaram o barco.

Essa fidelidade a Plínio Corrêa de Oliveira data em certos casos de meio século, pois há contribuintes que estão com o líder desde os tempos do jornal conservador *O Legionário*, editado nos anos 30 por católicos que, logo, iriam converter-se ao programa integralista de Plínio Salgado. O fundador da TFP jamais cedeu ao canto do homônimo, profeta do integralismo. Sua intransigência tornou-se uma bússola para os espíritos reacionários, mas, da forma como administra tropas e recursos que coleta para enfrentar a "bagarre" contra as hostes do Mal, é provável que acabe, ele também, "indo para a Marquesa". ▲

As palavras difíceis

ISTOÉ procurou durante toda a semana entrevistar o professor Plínio Corrêa de Oliveira. Uma troca de cartas entre a redação e a TFP – o professor não desceu ao terreno do comum dos mortais para essas tratativas, cumpridas pelo departamento de imprensa da organização – resultou numa coleção de condições para que a entrevista se realizasse. Entre elas se incluíam limitações quanto ao conteúdo das perguntas, à duração da conversa e até à presença, na mesma edição da revista, de qualquer declaração de seu agora desafeto Orlando Fedeli – justamente um dos motivos da reportagem. Não se colheu, em momento algum, qualquer indício de que o professor efetivamente quisesse falar com jornalistas.